

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C749a Congresso Nacional de Arquivologia (4. : 2010 : Vitória, ES).
Anais do IV Congresso Nacional de Arquivologia, 19 a 22 de
outubro de 2010. - Vitória, ES : [AARQES], 2010.
1 CD-ROM

Tema: A Gestão de Documentos Arquivísticos e o Impacto das
Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.
ISBN: 978-85-63771-00-1

1. Arquivologia - Congressos. 2. Documentos arquivísticos -
Congressos. 3. Tecnologia da informação. I. Título. II. A Gestão de
Documentos Arquivísticos e o Impacto das Novas Tecnologias de
Informação e Comunicação.

CDU: 930.25

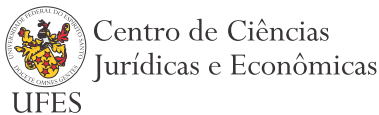
Realização



Patrocínio



Apoio



Parceiros



Agência Oficial



Organização



IV CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA
“A GESTÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS E O IMPACTO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO”
19 A 22 DE OUTUBRO DE 2010 - VITÓRIA-ES

VI Encontro de Paleografia e Diplomática

**O RESGATE DA MEMÓRIA DE CAMPOS DOS GOYTACAZES ATRAVÉS DO
MAPA E MANUSCRITO DE MANOEL MARTINZ DO COUTO REYS – 1785**

**Carlos Roberto Bastos Freitas¹ e
Cristiano Pluhar²**

cfreitas@uenf.br e cristianopluhar@hotmail.com

RESUMO: Militar nascido em Santos (por volta de 1750), Couto Reys, cartógrafo e observador metucioso carrega importância ímpar para a História de Campos; o registro em análise esclarece o mapa da atual região Norte Fluminense, produzido pelo então Tenente-Coronel quando por aqui passou no período compreendido entre 1780 e 1785.

A *Descrição Geographica, Pulitica e Cronographica do Districto dos Campos Goiatacaz* nos dá uma radiografia da região que evidencia a produção econômica, seus equipamentos produtivos e todo seu potencial comprovado através de tabelas severamente explicativas contendo minúcias de suas propriedades e proprietários, suas atividades e número de escravos. Além disso, relacionou os recursos hídricos, minerais, flora e fauna.

Nessa obra, a produção agrícola, no século XVIII, já revela o açúcar como mola mestra da economia regional, registrando a quantidade de engenhos envolvidos em toda cadeia produtiva, arrobas de açúcar e pipas de aguardente. Outro ponto marcante do Manuscrito é a análise setorializada pelas Freguezias que compunham o *Districto*.

Esse Manuscrito, primeiramente lançado pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, em 1997, será, agora, objeto de uma nova edição, revista e ampliada, acompanhada de seu mapa, a ser lançada ainda em 2010.

Palavras-chave: Campos dos Goytacazes, Manuscrito, Mapa e Memória

¹ Carlos Roberto Bastos Freitas, Museólogo, Mestre em Políticas Sociais, atua na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e é Diretor do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, RJ.

² Cristiano Pluhar, Licenciado em História pela Universidade do Rio dos Sinos – UNISINOS. Pesquisador do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, RJ.

Nos primeiros anos de apropriação das terras do futuro território brasileiro, embarcações oriundas de Portugal rastrearam o litoral banhado pelo Oceano Atlântico com o interesse de verificar as possibilidades daquelas terras até então inóspitas aos olhos do intruso europeu. No dia 21 de dezembro de 1501, segundo Helio Viana *in História do Brasil* (p. 50, 1967) navios passaram pela atual praia do Farol de São Tomé e, por se tratar do dia santificado, nomearam o local de Cabo de São Thomé.

Passadas quase três décadas, as atividades mercantis da Metrópole com o Oriente sofreram algumas baixas lucrativas e, somadas às investidas de concorrentes europeus a costa brasileira, na busca desenfreada pelo pau-brasil, os portugueses passam a se interessar pela sua aquisição, até então, não usurpada. O Rei Dom João III, designa homens para iniciar o desenvolvimento de atividades colonizadoras no Brasil. Assim, em 1532, liderados pelo fidalgo Martim Afonso de Sousa, a Vila de São Vicente é fundada no que hoje é o Estado de São Paulo. A política administrativa utilizada pela Coroa portuguesa, demonstrando falta de verba para investimentos ousados, foi a mesma que dividiu parte da África: a divisão territorial em Capitânicas Hereditárias. Os receptores dessas áreas eram figuras de destaque na Metrópole ou aventureiros que auxiliaram de alguma forma no processo de exploração das longínquas terras do *Novo Mundo*. Entre esses homens estava Pero de Góis da Silveira, peça importante no processo estabelecido por Martim Afonso de Sousa.

No ano de 1534 tem início a distribuição de extensas áreas no litoral brasileiro, e em 28 de Janeiro de 1536, Dom João III, através de Carta de Doação, passa a Pero de Góis, 32 léguas correspondentes à Capitania de São Thomé ou Parahyba do Sul, como mais tarde ficou conhecida.

A tentativa de criar uma Vila no local se desfez por conta de entraves com a população autóctone ali presente. Augusto de Carvalho *in Apontamentos para a História da Capitania de S. Thomé* menciona um desentendimento com a liderança indígena após um período de convivência pacífica. A Vila da Rainha não prosperou e, tempos depois, uma nova tentativa não se completou.

Sem possibilidades de novo investimento, a Capitania fica abandonada até o momento em que Gil de Góis a recebe, por hereditariedade, e faz uma

nova investida na área tendo como resultado a frustração colonizadora. Em todas as tentativas de colonização, a produção do açúcar era a meta.

A Capitania de São Thomé sofre seu segundo abandono.

O processo administrativo baseado nas Capitanias Hereditárias não produz os frutos sadios esperados pela Coroa Portuguesa; portanto, uma nova metodologia jurídico-administrativa adentra o território brasileiro: as *Sesmarias* que dividem, novamente, as áreas com o intuito de maior controle e estímulo à produção. Assim, o interesse pela Capitania de São Thomé surge por parte de súditos envolvidos na expulsão dos franceses e *domesticação* indígena do território brasileiro, ficando conhecidos como os *Sete Capitães*.

Em troca dos serviços prestados, a Metrópole portuguesa repassa parte dessas terras, em 1627, a esses homens que decidem por iniciar a construção de currais para a criação de gado, para o abastecimento dos engenhos (força motriz) e a cidade do Rio de Janeiro (carne).

Em 1633 a construção de currais se inicia, fundando o primeiro ciclo econômico da região. Esse fato desperta o interesse de grandes proprietários do Rio de Janeiro que, através de conchavos e prestígio perante a Metrópole, conseguem a posse da Capitania através da figura de Martim de Sá, então Governador do Rio de Janeiro. O General Salvador Correia de Sá, Jesuítas e Beneditinos se apropriam, em 1648, após uma nova divisão das terras da Capitania, conhecida como *Escritura endiabrada*, de porções da região. Assim, inicia-se o turbulento período denominado pela Historiografia local como *Domínio dos Asseca*. São adjetivos depreciativos desse tempo a grande exploração da população local, impostos exorbitantes e demarcações de terras infundadas.

A chegada do século XVIII, na Vila de Sam Salvador³, remete a uma intensa produção agrícola ressaltada por Augusto de Carvalho *in Apontamentos para a História da Capitania de S. Thomé*, publicado em 1888. O autor, para afirmar a informação, menciona o estabelecimento da cobrança de impostos, no fim do século XVII, ano 1685, a cada embarcação que aportasse no Porto de Sam João da Praia (p. 280, 1888). A produção,

³ A posse definitiva da antiga Capitania de São Thomé, com um Morgado, é dada aos Asseca com a obrigatoriedade dos mesmos de erguerem na região duas Vilas; a primeira, Vila de Sam Salvador dos Campos dos Goytacazes fundada em 29 de Maio de 1677 e, logo em seguida, cria-se a Vila de Sam João da Praia.

composta de couro, aguardente, feijão, milho, algodão entre outros, era escoada pelo Rio Paraíba do Sul até a Vila vizinha onde recebia por destino a Bahia, a Capitania do Espírito Santo e, em pequeníssima proporção, o Rio de Janeiro. Todavia, é clichê histórico a dificuldade oferecida pelo Porto de São João da Praia graças à formação de bancos de areia ocasionados pelo encontro do Rio Paraíba do Sul com o Oceano Atlântico; para maior eficácia da exportação criou-se, no século XVIII⁴, um caminho terrestre para Minas Gerais, contudo, não há registros documentais oficiais⁵ que mencionam o percurso nem a datação da abertura do mesmo⁶. O que é comprovado pela Historiografia é a construção do caminho entre Rio de Janeiro e Minas Gerais (Estrada Real) construído na primeira metade do século XVIII, mais precisamente, em 1725.

A criação de gado foi durante longos anos a atividade econômica mais importante, o Visconde de Araruama cita o envio de várias remessas anuais, cada uma com cinco ou seis mil cabeças por boiada. Essas boiadas eram conduzidas pela antiga estrada geral, que margeava o oceano e não dispunha de pontes ou pousos seguros para os viajantes.

O crescimento produtivo local foi objeto de trabalho de Manoel Martinz do Couto Reys que, entre 1780 e 1785 passou na região e perpetuou sua visita através da confecção de um mapa e, para explicá-lo, um manuscrito intitulado *Descrição Geographica, Pulitica e Cronographica do Districto dos Campos Goiatacaz*. Couto Reys, nascido na Vila de Santos, por volta de 1750, além de alto-escalão militar, foi um excelente cartógrafo e observador atento que carrega importância ímpar para a História de Campos dos Goytacazes.

As construções de Couto Reys nos dão uma radiografia da região que evidencia a sua produção econômica, seus equipamentos produtivos e todo

⁴ Além dessas intensas relações mercantis, a população da Vila de Sam Salvador encontra problemas frente aos abusos impostos pelos Asseca. A arbitrariedade é confrontada, em 1748, por uma senhora, grande proprietária, Benta Pereira que encabeça o conhecido *levante de Benta Pereira* onde, segundo Luciano Figueiredo, ocorreu a prisão de mais de sessenta pessoas envolvidas no episódio. A apropriação indevida das propriedades e a alta taxação culminaram na diminuição do poder autoritário até então presente.

⁵ Alguns memorialistas locais relatam esse caminho, porém, o descuido histórico-documental também é mencionado. É concreto a conclusão da construção do intitulado *Caminho novo* de Campos dos Goytacazes para as Minas Gerais em 1811.

⁶ Manoel Martinz do Couto Reys in *Descrição Geographica, Pulitica e Cronographica do Districto dos Campos Goiatacaz*, de 1785, registra o descaso documental referente ao primeiro caminho de Campos dos Goytacazes com Minas Gerais.

seu potencial comprovado através de tabelas severamente explicativas contendo minúcias de suas propriedades e proprietários, suas atividades e número de escravos. Portanto, uma análise política, cultural e social do período. Além disso, relaciona os principais recursos hídricos, minerais, sua flora e fauna.

Sua lida revela o açúcar como a mola mestra da economia regional, registrando a quantidade de engenhos envolvidos em toda cadeia produtiva, arrobas de açúcar e pipas de aguardente. Outro ponto marcante do Manuscrito é a análise setORIZADA pelas Freguezias que compunham o *Districto* de então. Identifica diversos problemas na questão fundiária, especialmente as divisas das *Sesmarias* e demarcação das propriedades, oriundas do século XVII. Essas demarcações tomavam por base a bússola que, segundo Couto Reys, não eram precisas e havia assim, diferenças gritantes nas divisas das propriedades. Outro fator marcante para esse detalhe era o sistema de doação das sesmarias, com pontos referenciais imprecisos. A posse da terra na região sempre foi marcada por lutas e disputas sangrentas.

Sobre o presente fato Couto Reys utilizou as seguintes palavras:

Muitos homens possuidores de avultadas porcoens de terras, que nem em duplicados, ou multiplicados annos de vida as acabarião de cultivar, excitados pela cobiça de quererem dominar, e mandar tudo, tem tornado por sistema não quererem demarcar as que lhes pertencem, afim, ou de que nas terras devolutas das suas vizinhanças não venha a introduzir-se outro morador; ou para as irem lavrando affectando a duvida de que lhes parecia, que erão suas; e como taes lhes davão exercício, para depois em qualquer tempo, saírem com embargos a qualquer novo, e bem entencionado Sismeiro, que justamente as pedisse; fundando a sua mallicia em dizer, segundo as dispoziçoens das leys que em primeiro lugar estão elles; porque de muito tempo as cultivavão em boa fe, etc assim são cá as boas fez. (REYS, 1997, p. 57)

Aqui percebe-se uma clara crítica aos poderes ilimitados dos Asseca e, também, dos Beneditinos que, nesse instante, serviam de massa de manobra para a usurpação das terras destinadas aos *Hereos*⁷. Após essa denúncia, Couto Reys, incoerentemente, ao longo do seu manuscrito, adjectiva a família

⁷ Os *Hereos*, herdeiros dos *Sete Capitães*, receberam, de contra-peso, porções de terras após a posse da Capitania por parte do Visconde de Asseca.

Asseca com o termo *Excelentíssimo*⁸. Contudo, não é a incongruência adjetivada que clama atenção; o fato mais significativo é a análise política do momento. É nítido o jogo de interesses das classes produtoras e, também, da Igreja.

Incongruências a parte, a análise hídrica mostra os caminhos – possibilidades de locomoção e comerciais – dos rios, córregos e lagoas do *Districto*, suas populações e cultivos. A dificuldade de escoar a produção regional sempre foi um dos obstáculos ao crescimento mais acelerado, fato resolvido apenas no final do século XIX com a ferrovia, que ligava a região ao porto do Rio de Janeiro. As potencialidades regionais são enaltecidas e sua não realização é classificada como *descaso e incúria*.

Pelo relato, o cartógrafo percorreu a região com seus aparelhos, e quando não conseguia ir mais adiante, relatava a causa da impossibilidade. Entre as causas mais freqüentes estão o perigo das áreas pestilentas (sertão do Muriaé principalmente), chuvas torrenciais e dificuldades de locomoção por conta de rios muito cheios e os atoleiros. Não transparece que tenha se valido de “*informações*” dos habitantes para a confecção de seu trabalho, fato comum entre os cartógrafos da época.

Ao se fazer um comparativo entre o trabalho realizado por Couto Reys com a obra de José Carneiro da Silva, o 1º. Visconde de Araruama, *Memória Topographica e Historica sobre os Campos dos Goytacazes com uma noticia breve de suas produções e commercio*, de 1819, portanto, 34 anos passados, observa-se, em relação, específica, ao Rio Ururá um avanço em questões produtivas e populacionais.

Em um primeiro momento, as palavras de Manoel Martinz do Couto Reys:

O Rio Ururay he hum Sangradouro ou esgoto da Lagoa de sima para a Lagoa Feia tem curta extenção porem enfadonha navegação por suas grandes voltas. Elle da excellente transportação ás madeiras, que descem do Sertão em canoas, ou balsas. (REYS, 1997, p. 27)

⁸ Op. Cit. 62.

Três décadas avante, o Visconde de Araruama, José Carneiro da Silva, faz os seguintes comentários sobre o mesmo rio:

O rio Ururahy nasce na lagoa de Cima, e traz a sua corrente a leste até a lagoa Feia, onde desagoa. As suas margens estão povoadas de engenhos e roças de mandioca. (SILVA, 1907, p. 11)

Ao traçarmos paralelos entre as duas obras, outra perspectiva possível é a mudança de diretriz na cadeia de cultivo. Em 1785, os principais produtos eram: açúcar, algodão, arroz, aguardente, milho, feijão e mandioca. Já em 1819, o algodão vinha do Espírito Santo, o milho e o feijão *quase que não entrão mais no artigo de exportação*⁹, o arroz sofreu drástica queda na produção e a farinha de mandioca é originada de outras localidades. Há, também, novos produtos cultivados como o fumo e o café¹⁰.

O Manuscrito de Couto Reys especifica os proprietários ou arrendadores das fazendas e suas atividades agrícolas. Os nomes mais constantes são de Joaquim Vicente dos Reis e, obviamente, o Visconde de Asseca. O primeiro é possuidor de mais de 1200 escravos espalhados em suas lavouras e engenhos e, juntamente com o Visconde de Asseca, domina a produção de açúcar na região.

Todas essas particularidades expostas no trabalho de Couto Reys trazem ainda, informações referentes às populações incipientes da região. Os índios recebem a comum e ignóbil rotulação de *selvagens* apenas reafirmando a visão superior européia frente aos povos *desalmados* e, posteriormente teorizados como inferiores pela deturpação das idéias de Charles Darwin quando se cria o Darwinismo Social¹¹. Faz um relato sobre sua maneira de viver, línguas faladas, costumes e a aceitação dos costumes dos colonizadores, especialmente a religião.

⁹ Op. Cit. 55.

¹⁰ No decorrer do século XIX, o plantio do café se tornou interessante economicamente para os produtores da atual região Norte Fluminense. A Freguesia de Nossa Senhora da Natividade de Carangola, posterior Vila de Itaperuna chegou ao topo da cadeia produtiva nacional de café em meados do século XX.

¹¹ Teoria surgida após a comprovação da teoria evolucionista de Charles Darwin apresentada na obra *A origem das espécies*, publicada em 1859. O Darwinismo social utilizou-se, erroneamente, do pensamento de Darwin que trata da evolução natural das espécies. O novo conceito destinou-se a aplicar o darwinismo para explicar a evolução da sociedade.

Outro ponto marcante do manuscrito – mesmo que a Historiografia atual tenha evoluído em relação ao seu desenrolar e não mais aceita linhas do tempo como verdades históricas –, é a cronologia histórica do *Districto*. Com um capítulo, inserido na segunda parte do trabalho, dedicado ao caso, observamos pontos relevantíssimos à História regional. Campos dos Goytacazes têm seus acontecimentos relatados de modo Positivista – aos olhos contemporâneos –, onde se exalta figuras da política portuguesa, econômica ou religiosa, e se toma cuidado em contar apenas aquilo que está documentado oficialmente. Sem desprezo aparente, percebemos, com vigor, a linha do tempo criada por Couto Reys de maneira que ela mostra a importância designada ao local por grandes proprietários que aqui cresceram, ainda mais, no campo econômico.

O segundo ciclo produtivo regional – o açúcar – no antepenúltimo e o penúltimo ano – 1783 e 1784 – da conclusão do manuscrito mostram o crescente número de engenhos na região, bem como a crescente comercialização do açúcar:

1783 (...) Animada a agricultura e Comercio floresceo este Districto com mayores ventagens erigindos-e mais Engenhos de Açúcar (...)

1784 Continuação a fabricar Engenhos e adiantar-se o interece (REYS, 1997, p. 66)

Mais uma vez utilizamos do trabalho do Visconde de Araruama para dar veracidade aos pontos levantados pelo Manuscrito. Segundo Couto Reys, em 1785, existem no *Districto* 236 (p. 132, 1997) engenhos produzindo açúcar e aguardente, já em 1819, José Carneiro da Silva cita o número de 400 (p.57, 1907). Portanto, mesmo com severas ressalvas à História quantitativa, os números explicam o abandono de certas culturas em prol da plantação de cana-de-açúcar.

No campo geográfico e político, Couto Reys atua ao fazer uma análise das Freguesias que compunham o *Districto de Campos dos Goiatacas*, seus limites, características produtivas, suas políticas e comércios. Em 1785, seis

Freguesias formavam a Vila¹² e, entre elas, a de maior destaque era a Freguesia de São Salvador onde os transportes e o comércio fluíam de maneira favorável ao crescimento econômico local. Porém, os *deffeitos* (p. 49, 1997) também foram mencionados como se percebe no caso específico da Freguesia de São Gonçalo:

(...) faltar terras para novos Colonios que se queirão estabelecer, e não só isto como os ja estabelecidos não se poderão adiantar pela mesma cauza: não haver navegação, porque só tem a do Rio ururay, que lhe fica distante e da lagoa Feia que não hé por agora interessante. (REYS, 1997, p. 51)

Mais uma vez o fator político se apresenta demonstrando que o fim do século XVIII, em Campos dos Goytacazes, foi marcado pela posse da terra como diferencial econômico na região.

No mapa, estão registrados os rios, lagoas (grande parte não mais existe por conta das intervenções no século XX), caminhos, povoados e as principais propriedades com seus titulares. Registra as áreas mais baixas, sujeitas às enchentes e as raras elevações do terreno. Nos limites mais ao norte, divisa com Minas Gerais principalmente, não registra nada, apenas sertão. É bem preciso se compararmos aos atuais. Seu atual proprietário cedeu gentilmente sua imagem para compor a publicação que está em fase de finalização.

Após essas breves pontuações, fica nítida a importância do documento para diversos campos científicos. A História, Antropologia, Biologia, Geografia e Política de Campos dos Goytacazes são severamente tratados.

Datado de 1785, o mapa e o manuscrito de Couto Reys são peças-chave para qualquer pesquisador que venha se interessar pela História da região Norte Fluminense. Recheado de particularidades locais, o documento, sob guarda do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, é indiscutivelmente uma possibilidade infinda de informações precisas e esclarece, por exemplo, as razões de tantas divergências pela posse territorial

¹² Freguesia de São Salvador, Freguesia de São João, Freguesia de Santo Antonio, Freguesia de São Gonçalo, Freguesia de Capivari e Freguesia de Nossa Senhora das Neves.

cujo intuito era a exploração desenfreada do solo e, sem dúvida, da exploração humana.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Denise. OSCAR, Jacques. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. 37^a. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARVALHO, Augusto de. *Apointamentos para a história da Capitania de S. Thomé*. Campos: Silva, Carneiro & Comp., 1888.

FEYDIT, Julio. *Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes – Desde os tempos coloniais até a Proclamação da República*. Campos: Typographia de J. Alvarenga & Comp, 1900.

JENKINS, Keith. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

LAMEGO, Alberto. *A Terra Goytacá – Á luz de documentos inéditos*. Tomo Primeiro. Paris: L'edition D'ART, 1913.

_____. *A Terra Goytacá – Á luz de documentos inéditos*. Tomo Segundo. Paris: L'edition D'ART, 1920.

_____. *A Terra Goytacá – Á luz de documentos inéditos*. Tomo Quarto. Niterói: Oficinas Gráficas do “Diário Oficial”, 1941.

_____. *A Terra Goytacá – Á luz de documentos inéditos*. Tomo Sexto. Niterói: Oficinas Gráficas do “Diário Oficial”, 1943.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Conselho Nacional de Geografia, 1945.

MARQUES, Adhemar. BERUTTI, Flávio. FARIA, Ricardo. *História Moderna através de textos*. São Paulo: Contexto, 2000.

PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: uma história concisa*. 2^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

REYS, Manoel Martins do Couto. *Descrição Geographica, Pulitica e Cronographica do Districto dos Campos Goiatacz – 1785*. Manuscrito, 1785.

REYS, Manoel Martins do Couto. *Descrição Geographica, Pulitica e Cronographica do Districto dos Campos Goiatacz – 1785*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1997.

RODRIGUES, Hervé Salgado. *Campos – Na Taba dos Goytacazes*. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.

Roteiro dos Sete Capitães. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: IHGB, 1893.

SANTOS, Ana Maria dos. NEVES, Guilherme Pereira das. MACHADO, Humberto Fernandes. GONÇALVES, Williams da Silva. *História do Brasil: de terra ignota ao Brasil atual*. Rio de Janeiro: Editora Multimídia, 2002.

SILVA, José Carneiro da. *Nova edição da Memoria Topographica e Historica sobre os Campos dos Goytacazes – Com uma noticia breve de suas produções e commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1907.

SOUSA, Horacio. *Cyclo Aureo – a História do 1º. Centenario de Campos 1835-1935*. Campos dos Goytacazes: Artes Graficas – Escola de Aprendizes Artifices, 1935.

VIANNA, Helio. *História do Brasil*. 5ª. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1967.